

Haddad promete regra fiscal e mercado espera força política

Contas públicas Ministro da Fazenda diz, em cerimônia de posse, que novo arcabouço fiscal sairá no fim do semestre

Haddad enfatiza questão fiscal, mas quer regra 'factível'

Estevão Taiar, Lu Aiko Otta, Matheus Schluch, Larissa Garcia e Guilherme Pimenta
De Brasília

Em seu primeiro discurso no cargo, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, defendeu a importância de trabalhar com "metas factíveis" para as contas públicas. Ele descartou, por exemplo, um déficit primário menor do que R\$ 60 bilhões para este ano. Sobre o novo arcabouço fiscal, afirmou que a âncora organizará "as contas públicas pelo longo prazo". Haddad ainda disse, mais de uma vez, que planeja trabalhar com os outros ministros da área econômica: o vice-presidente Geraldo Alckmin (Desenvolvimento, Indústria e Comércio), Simone Tebet (Planejamento) e Esther Dweck (Gestão e Inovação de Serviços Públicos).

"Não [vamos] ficar mentindo para a população, falando que o déficit será de R\$ 60 [bilhões] quando [o Orçamento] ele está previsto em mais de R\$ 200 [bilhões]. Não faremos isso", disse na cerimônia, realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), onde também foi feita a transição de governo. Ao mesmo tempo, garantiu que o governo não aceitará "um resultado primário que não seja melhor do que" a quantia prevista no Orçamento. "Vamos contar com metas objetivas. Demandantes, mas factíveis, para entregar ao país a confiança que precisa para voltar a crescer", afirmou.

Ele prometeu apresentar o novo arcabouço fiscal neste primeiro semestre. Ao longo dos anos, uma crítica constante de Haddad ao teto de gastos era justamente o fato de, segundo ele, ser pouco factível cumprir a regra. No domingo, também no seu primeiro discurso no cargo neste terceiro mandato, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chamou o instrumento de "estupidéz". Na avaliação do ministro, é essencial que o novo arcabouço seja "confiável", "respeitado" e possível de ser "cumprido".

"Se você propõe uma meta inalcançável, não tem meta nenhuma. Se você propõe uma meta que não seja ambiciosa, não motiva o país. É nesse equilíbrio fino entre a ambição e a factibilidade que nós vamos exercer o nosso mandato em relação a todas metas econômicas com as quais todos presentes nesta sala estão preocupados", afirmou, referindo-se aos secretários da pasta.

Para o ministro, "não existe política fiscal ou monetária isoladamente", mas sim uma única "política econômica" que precisa estar "harmonizada". "Estamos com os juros mais altos do mundo em termos reais e precisamos sim buscar o entendimento da autoridade fiscal e da autoridade monetária", afirmou Haddad.

O ministro da Fazenda prometeu ser "pragmático", e não "dogmático", e disse que as políticas públicas que realizou no

período em que foi ministro da Educação (2005-2012) só tiveram sucesso porque "o setor privado e o governo federal caminharam juntos". Ele citou como exemplo o Pronuni. Outro caso de "política de ganha-ganha, para o povo e para o mercado", foram as medidas voltadas para o crédito realizadas logo no começo do primeiro mandato de Lula.

"É bom que o setor privado esteja atento às oportunidades. A gente precisa sair desse pensamento binário: estatal ou privado. Tem muita coisa que pode e deve ser feita conjuntamente", afirmou. "Sem investidores nós não vamos ter empregos, não vamos gerar riqueza, mas é preciso um equilíbrio entre os interesses dos mais variados setores da população".

Ele fez questão de destacar também a diversidade de visões dentro da sua equipe, lembrando que o secretário-executivo, Gabriel Galipolo, e o secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, já trabalharam em governos do PSDB. Em um nível hierárquico mais alto, afirmou que trabalhará em parceria com Alckmin, Tebet e Esther Dweck.

"Éramos o Posto Ipiranga, agora somos uma rede", disse, em referência ao apelido do ex-ministro da Economia Paulo Guedes, que concentrou as atribuições de Fazenda, Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Planejamento e Gestão em uma única pasta.

Mas também reconheceu que o "desafio é enorme" e que en-



Haddad: "No equilíbrio fino entre ambição e factibilidade que vamos exercer o mandato em relação às metas econômicas"

frontará dificuldades políticas. "Vocês sabem quão isolada a equipe econômica fica na Esplanada [dos Ministérios]. É sempre o patinho feio da Esplanada. Nós aceitamos esse cargo, mas para fazer o bem para a população", afirmou Haddad.

A cerimônia de posse contou com a presença de aproximadamente 700 convidados, entre empresários, futuros colegas de Esplanada, políticos e economistas. Na semana passada, o cerimonial chegou a trabalhar com a possibilidade de receber mil convidados, tamanha a demanda pelo evento. Mas no fim o número de convites ficou na casa dos 700.

Ao chegar à posse, Simone Tebet admitiu que a relação com Haddad terá "divergência" em alguns pontos, mas disse que "é na divergência que vamos crescer". Tebet e o ministro da Fazenda têm reunião agendada para a

próxima quinta-feira.

O pedido pela realização de uma reforma tributária foi disseminado entre os convidados. Em seu discurso, o ministro defendeu "um sistema tributário mais transparente, sobretudo mais justo e mais simples", que retire peso "das famílias de baixa renda".

O presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Robson Andrade, afirmou que é "importante" que Haddad queira "discutir" as mudanças tributárias.

"A reforma é a maneira de ampliar o volume de pessoas que pagam impostos e criar equilíbrio, porque quem paga mais impostos é a indústria", disse.

Já o governador do Piauí, Rafael Fonteles (PT), mostrou confiança na aprovação das mudanças e disse que tem conversado com o ministro sobre o tema. Ele foi presidente do Comitê Nacional de Secretários de Fazenda, Fi-

nanças, Receita ou Tributação dos Estados e do Distrito Federal (Comsefaz) em 2021 e 2022 e amarrou apoio unânime dos Estados à reforma.

Os convidados ainda chamaram atenção para a importância que outros integrantes do governo terão para que a agenda econômica seja bem-sucedida. O presidente do conselho de administração do Bradesco, Luiz Carlos Trabuco, afirmou que a "ênfase" que Lula costuma dar à "negociação política" vai ajudar na normalização do país. Andrade classificou a nomeação de Alckmin para o MDIC como "fantástica". "Por ser vice-presidente, [Alckmin] vai facilitar a discussão sobre medidas para o desenvolvimento", disse o presidente da CNI.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil **Caderno:** A **Página:** 5